

"A Violência como Sintoma: Análise Sociológica do Discurso Docente sobre Desigualdade Escolar"

Glauco Fernando Silva Santos ¹

RESUMO

Este artigo analisa as relações entre violência, ideologia e escola a partir da experiência de um docente da rede pública de ensino, utilizando uma abordagem crítica fundamentada em teóricos como Althusser, Bourdieu e Marx. O estudo investiga como as ideologias de classe dominante, reproduzidas pelo aparelho escolar, influenciam as práticas violentas (simbólicas e físicas) e contribuem para o fracasso escolar de alunos das camadas populares. A metodologia baseou-se em uma entrevista semiestruturada com um professor de filosofia e sociologia, cujo discurso foi analisado à luz do materialismo histórico-dialético. Os resultados revelam que a violência escolar é estrutural, vinculada à desigualdade de capital cultural e à função ideológica da escola na manutenção das hierarquias sociais. Conclui-se que a naturalização dessas violências pelo discurso docente oculta sua origem sistêmica, reforçando a autculpaabilização dos alunos e a reprodução das desigualdades.

Palavras-chave: Violência escolar; Ideologia; Capital cultural; Fracasso escolar; Educação pública.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tece uma reflexão sobre as práticas violentas no espaço escolar a partir de uma entrevista com professor que atua na educação básica da escola pública. Desse modo, pretendemos observar se há a presença de ideologias de classe no discurso docente que omite a função do aparelho escolar na produção deste sintoma social, e, se, em alguma medida, esta relação ideologia-violência interfere na trajetória escolar de meninos e meninas das camadas populares.

Os estudos sociológicos sobre ideologia, violência e escola avançaram consideravelmente nas últimas décadas. No entanto, são poucas as pesquisas que relacionam tais fenômenos ao fracasso escolar dos alunos (as) durante a trajetória acadêmica. Alguns estudiosos da sociologia da educação e críticos do sistema de ensino, como: Louis Althusser (1998); Pierre Bourdieu (1975); Decio Saes (2005) e Luiz Antônio Cunha (1980) definem o aparelho escolar como o principal responsável pela reprodução de ideologias dominantes. Isto é, a obrigatoriedade da escolarização permite ao estado difundir ideologias dominantes e de classe média no seio do aparelho escolar. Sendo assim, a perspectiva que orientará a análise sobre a escola, neste trabalho, demonstra o caráter de classe do aparelho escolar, sobretudo, a existência de violências (simbólica e física) entre os agentes escolares: alunos (as) e professores (as) pertencentes à escola

¹ Cientista Social e Pedagogo, Mestre e Doutor em Educação. glauco_fernando@hotmail.com;

pública brasileira.

A valorização do capital cultural² dentro da sociedade de classes é um ponto chave a ser observado no cotidiano escolar, na medida em que, as relações de ensino-aprendizagem são fundadas em propostas e conteúdos de uma classe social específica. Deste modo, a não compreensão dos conteúdos ou a dificuldade de aprendizagem marginaliza os alunos (as) de famílias populares e periféricas dos grandes centros urbanos.

O modelo de escola capitalista estabelece diferenças associadas ao repertório cultural e ao capital econômico, e como estas diferenças refletem diretamente no desempenho escolar dos alunos. O autor Pierre Bourdieu (1999) esclarece que “[...] *é o nível cultural global do grupo familiar que mantém a relação mais estreitamente com o êxito escolar da criança.*” (p.42)

Neste cenário, é importante ressaltar o papel da família na reprodução das relações sociais, na medida em que transmite capital cultural entre as gerações. Este ciclo de reprodução ocorre, também, no seio da escola, pois a criança ao estabelecer relação com os conteúdos e currículos propostos, confronta seu conhecimento prévio com o conhecimento determinado pela escola, e o êxito no desempenho escolar está associado à aproximação e familiaridade do padrão cultural com o padrão de ensino.

Portanto, a existência de mecanismos ideológicos que omitem as defasagens culturais dos alunos de sua relação com as violências relatadas pelos professores, dentro da escola, é o objeto central deste trabalho. Sobretudo, como este cenário conturbado de violências simbólicas e físicas corroboram com o insucesso de alunos (as) durante a trajetória escolar e são ocultadas pelas ideologias capitalistas presentes no aparelho escolar.

² Sobre este conceito ver Pierre Bourdieu – **A Reprodução; Poder Simbólico**

REFERENCIAL TEÓRICO

Qualquer que seja a forma de regime vigente, é ele um dos veículos privilegiados de inculcamento – logo, de preservação, da ideologia dominante, na configuração de uma outra forma de regime e de uma ou outra das modalidades de cada uma das formas de regime. E tanto mais importante ele será, como veículo da ideologia dominante, quanto maior for sua extensão, no sentido de quanto maior for o contingente populacional por ele absorvido. Já se percebe, portanto, que as referências à crescente “democratização” das oportunidades de escolarização dizem respeito apenas a aspectos quantitativos, que podem pesar tanto num sentido como noutro bem distinto, conforme a configuração ideológica que se esteja veiculando ou se almeje – como projeto político – veicular. (Pereira, 1977, p.90)

O sociólogo Luiz Pereira traz reflexões sobre o carácter ideológico do aparelho escolar; O autor discute como a reprodução e manutenção do sistema capitalista tem uma relação direta com o funcionamento da escola. Ou seja, as relações existentes no contexto escolar são submetidas a ideologias de classe e promovem segregação entre os alunos pertencentes a classes sociais distintas. Desse modo, o autor tangencia seu pensamento em torno dos regimes de sociedade vigente e a força ideológica da classe dominante como projeto político de sociedade.

Em um estudo sobre as causas ideológicas do fracasso escolar, Santos (2016) provoca-nos a observar o papel da escola na sociedade capitalista, pois ao inculcar ideologia dominante em alunos (as) das camadas populares, o discurso de autculpabilização emerge entre os alunos (as) e seus familiares. A discussão do autor é sobre a possível existência de um sentimento de inferioridade frente as propostas pedagógicas e a todo currículo escolar preparado pelo estado, pois este violenta simbólica e objetivamente os alunos. Neste contexto, o autor indica que:

A escola, ao reproduzir a ideologia dominante desempenha uma função social relevante na manutenção do sistema capitalista. Ela dissemina idéias meritocráticas, próprias da classe média, para induzir os alunos das classes populares à busca da ascensão social. Ao mesmo tempo, dirigindo-se a alunos de recursos culturais diferenciados, ela coloca em operação mecanismos de exclusão social e cultural, que evidencia o fracasso escolar dos alunos de classe popular devido a distância real entre os padrões de comportamento típicos de cada classe social. (Santos, 2016, p13.)

Embora os professores não percebam inicialmente sua margem de responsabilidade sobre os problemas dos alunos, a origem de classe dos docentes – principalmente classe média - produz um distanciamento cultural e social da realidade dos discentes. Décio Saes (2005) enfatiza como os agentes escolares (docentes e diretores) ocultam o real motivo do fracasso escolar das camadas populares. Todavia, quando solicitados sobre o desempenho escolar, eles apontam a carência de condições materiais mínimas dos mais pobres, entretanto, não conseguem identificar o fato que a própria estrutura de ensino condena os alunos das classes trabalhadoras manuais.

A classe média, portanto, tem relevância no estudo deste fenômeno escolar, principalmente, pelo fato de que as ideologias presentes nesta classe social são inculcadas constantemente nos alunos da escola pública. Nesta perspectiva, o papel da instituição escolar neste caso se efetiva como fundamental para a reprodução e manutenção da sociedade capitalista; ou seja: as normas morais e éticas deste grupo social são difundidas como padrões socialmente aceitos em todos os alunos inseridos na escola pública.

Neste estudo não temos a pretensão de discutir as questões semânticas levantadas sobre a violência, assim como, os dados estatísticos referentes às práticas violentas na escola. Entendemos como violência escolar, toda a manifestação que produza uma relação de tensão entre um ou mais indivíduos no ambiente escolar. Desse modo, a pesquisa busca aprofundar os estudos sobre o carácter de classe da violência na escola, e se há relação com a presença de ideologias de classes dominantes, na medida em que o aparelho escolar reproduz valores que não fazem parte do cotidiano das camadas populares. Sendo assim, a teoria crítica; a função ideológica do aparelho escolar, e a valorização do capital cultural são os conceitos chaves que fundamentam a construção deste trabalho.

A pesquisa utilizou-se de uma entrevista, gravada e transcrita literalmente. A escolha pelo uso da entrevista ocorreu pelo fato de o objetivo ser a captação de ideologias de classe no discurso docente, e que atue diretamente no ensino médio da rede pública e/ou privada do Estado de São Paulo.

A técnica escolhida para a pesquisa com o professor é o de entrevista semiaberta, pois tem como finalidade a liberdade ao entrevistado de expressar-se e construir suas respostas. Deste modo, será necessária a construção de um roteiro cujo objetivo é captar o discurso de classe, e mapear as ideologias presentes que afirmam a violência simbólica e física como causa individual, e finalmente, explorar as possíveis contradições deste discurso.

A amostra para este estudo é com um professor que exerce atividade profissional na educação básica, no segmento do ensino médio e/ou fundamental II. É garantido o anonimato do entrevistado para que este possa sentir-se mais livre para responder às perguntas, evitando bloqueios em responder às questões que, em alguma medida, possa o colocar em dificuldade, ou que a seu ver seja desaprovada socialmente.

A análise do conjunto de respostas dialoga com o materialismo histórico dialético, isto é, utilizando do pensamento Marxista sobre os fenômenos sociais propomos uma observação valorize o contexto social, político, cultural e ideológico em que o professor, a escola e os alunos estão inseridos. Sob este aspecto, Marx (2005) reflete que:

“Da maneira como os indivíduos manifestam sua vida, assim são eles. O que eles são coincide, portanto, com sua produção, tanto com o que produzem como com o modo como produzem. O que os indivíduos são, por conseguinte, depende das condições materiais de sua produção”. (p.44,45)

Portanto, as bases materiais que permeiam o fenômeno são relevantes na descrição e compreensão do objeto de estudo. Situar as práticas violentas no contexto em que ela se insere indica um leque de conflitos sociais oriundos da sociedade capitalista neoliberal.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As ideias de classe dominante são, em todas as épocas, as ideias dominantes; ou seja, a classe que é a força material dominante da sociedade é, ao mesmo tempo sua força espiritual dominante. A classe que dispõe dos meios de produção material dispõe também dos meios de produção espiritual, o que faz com que sejam a ela submetidas, ao mesmo tempo, as ideias daqueles que não possuem os meios de produção espiritual. As ideias dominantes, são, pois, nada mais que a expressão ideal das relações materiais dominantes, são essas as relações materiais dominantes compreendidas sob a forma de ideias; são portanto, a manifestação das relações que transformam uma classe em classe dominante; são dessa forma, as ideias de sua dominação. (Marx e Engels, 2005, p.78)

Alguns trabalhos como os de Patto (1990), Saes (1995), Cunha (1980), Bourdieu & Passeron (1975) e Baudelot & Establet (1987), oferecem estrutura e subsídio para o estudo crítico da escola na sociedade capitalista, pois em suma apontam na escolarização um dos principais mecanismos de manutenção das desigualdades sociais. As contribuições desses estudiosos possibilitam à desmistificação das explicações que anteriormente, limitavam-se ao campo de estudos da psicologia, como também a função ideológica desempenhada pelo sistema escolar público.

O padrão cultural na leitura de Pierre Bourdieu & Jean Claude Passeron (1975) produz uma distinção entre as classes sociais; ou seja, no modelo de escola existente as diferenças de capital cultural e de capital econômico refletem diretamente no desempenho escolar dos alunos. A teoria crítica; a função ideológica do aparelho escolar, e a valorização do capital cultural são os conceitos chaves que fundamentam a construção desta pesquisa.

O debate sobre os aspectos da violência no cotidiano escolar pode ser observado por diversos modelos teóricos. Isto é; ciências diferentes como a psicologia escolar e a sociologia da educação trouxeram nas últimas décadas análises importantes sobre este tema e ampliaram as hipóteses deste fenômeno social. Contudo, neste estudo indicaremos alguns fatores ideológicos que, de alguma forma, omitem as diferenças de classe de sua eventual parcela de responsabilidade.

A ideologia capitalista no seio da escola produz efeitos práticos na vida dos alunos (as); ou seja; a valorização da meritocracia; a autculpabilização pelo insucesso na trajetória escolar e a patologização do indivíduo surgem como explicações ideológicas que destinam ao indivíduo responsabilidades e deveres que não fazem parte do cotidiano das camadas populares. Sobretudo, pelo processo de escolarização ter em sua organização exigências típicas das classes médias, as camadas populares ficam distantes culturalmente e economicamente do acesso ao conhecimento exigido pelo aparelho escolar.

É importante destacar que a violência presente na sociedade, e, sobretudo, nas famílias, repercute no cotidiano escolar e interfere na trajetória dos alunos (as). Entrementes, a compreensão deste fenômeno deve ser observada pelo contexto social em que os sujeitos envolvidos estão inseridos. Isto é, existe uma relação dialética entre as manifestações de violência na escola e as práticas violentas na família e na sociedade. Kohatsu e Dias (2009) afirmam que: *“Para refletir a respeito das manifestações de violência na escola, é necessário compreender a relação que esta mantém com a sociedade, refletindo sobre seu modo de organização e as condições que geram a violência e sua reprodução.”* (p.25)

Ora, as contradições presentes na estrutura social produzem uma relação dialética de reprodução e manutenção das relações sócias. Haja vista que a luta de classes como motor da sociedade capitalista alimenta uma contradição insuperável entre os detentores dos meios de produção e os trabalhadores manuais. Para tanto, as ideologias presentes nas classes dominantes são inculcadas a fim de garantir a continuidade deste modelo social. Deste modo, o aparelho ideológico do Estado, como define Althusser (1975), essencialmente responsável para a reprodução e manutenção deste sistema social: é a escola.

Neste sentido, a escolarização obrigatória possibilita ao Estado capitalista difundir seus ideais de vida social. No seio do aparelho escolar, portanto, são difundidas as ideias da classe dominante e, principalmente, das classes médias. A proposta de conhecimento oferecida pela escola e o padrão cultural vigente são mecanismos de controle que ideologicamente orientados atuam a favor das camadas dominantes. Bourdieu (1999) apresenta como o padrão cultural de uma classe social favorecida estabelece barreiras e discriminam os indivíduos de classes sociais antagônicas.

O estudo de Souza (2008) sobre possíveis causas da violência nas instituições escolares dialoga com o pensamento de Pierre Bourdieu, pois considera que este sintoma é inerente a ação pedagógica, e não é, portanto, exclusividade da escola, mas funciona como sistema de reprodução das condições de dominação e resignação de determinadas camadas, grupos ou classes sociais. Sendo assim, a escola produz, em seu cotidiano, a circunstância favorável para as reproduções da hierarquia social sempre de acordo com as frações predominantemente hegemônicas da sociedade. A autora problematiza a maneira violenta de atuação da escola ao afirmar que *“A escola socializa o indivíduo de maneira repressiva/coercitiva, reprimindo determinadas idéias e comportamentos, tornando-se violenta. A violência institucional escolar possui duas formas básicas: a violência disciplinar e a cultural (simbólica).” (p.122)*

Este modelo de escolarização tende a produzir conflitos sociais como parte inerente a sua própria existência. Ora, as diferenças de valores, de repertório cultural e econômico produzem diferenças significativas no modo de

ser dos indivíduos. Neste contexto, ao debaterem sobre os conflitos sociais na escola pública brasileira, Alves e Saes (2006) discutem como a exclusão cultural, social e econômica afetam o cotidiano escolar e produz violência entre os agentes escolares e os alunos. Essa desigualdade de acesso inerente à sociedade de classes desencadeia diversos sintomas sociais, e neste caso, a violência escolar surge como produção sistêmica, ou seja, própria da sociedade capitalista. Os autores apontam que:

Certos grupos sociais, ao invés de contestarem o sistema de lugares diferenciados e hierarquizados, reproduzido incessantemente pela sociedade capitalista, sentem-se injustiçados por ocuparem um lugar subalterno e altamente desfavorável dentro desse sistema. Assim, esses grupos passam a cobiçar, por razões perfeitamente explicáveis do ponto de vista sociológico, o lugar de algum outro grupo social (por exemplo, a classe média); e poderão agir de um modo violento e rancoroso, similar ao dos indivíduos que se sentem abandonados. (Alves e Saes, 2006. P. 216)

Em suma, os conflitos no seio da escola podem apresentar características e intensidades variadas. As possíveis diferenças quanto à forma e a intensidade da manifestação violenta esta, em certa medida, relacionada com o desajuste entre o objetivo perseguido pelos grupos sociais que frequentam a escola, e a proposta pedagógica que a instituição oferece.

VIOLÊNCIA E IDEOLOGIA: A EXPERIÊNCIA DOCENTE.

“... a ideologia é inconsciente, uma vez que suas estruturas atuam por um processo que escapa à consciência do homem. Mistificadora, ocultando o todo social aos homens, é instrumento de dominação, sendo, portanto, própria da classe dominante, não se concebendo uma ideologia da classe dominada”. (Severino, 1985, p. 46).

A entrevista a seguir é de um professor de filosofia e Sociologia titular da rede estadual de São Paulo. As escolas mencionadas pelo docente, durante a entrevista, ficam na região do grande ABC, zona metropolitana da capital paulista. A escolha do entrevistado se deu pela proximidade entre o pesquisador e o pesquisado, e a disponibilidade do mesmo em participar do trabalho. A entrevista durou aproximadamente uma hora e foi realizada na casa do entrevistado. Os nomes escolhidos para representar os sujeitos citados e o próprio entrevistado são fictícios.

A construção do roteiro de entrevista semiaberto possibilitou a observação de ideologias de classe presentes no discurso, na medida em que os mecanismos ideológicos aparecem sutis na fala dos sujeitos, e através desta técnica conseguimos trazer elementos importantes para a elaboração das análises do trabalho, sobretudo levantar novas hipóteses de um tema complexo e com muitas variáveis existentes. Nesta análise, apresentaremos recortes da entrevista, e algumas reflexões sob a luz dos autores (as) que fundamentam nossa perspectiva teórica sobre as questões de violência e ideologia de classe no cotidiano escolar.

O professor entrevistado é oriundo das classes trabalhadoras, seu pai; já aposentado, trabalhou durante 40 anos nas indústrias metalúrgicas do abc e constituiu sua família no bairro do jardim estela em Santo André-SP. A formação escolar do entrevistado foi exclusivamente realizada - na rede estadual de ensino - durante a década de 1990. Nesta conjuntura social, a compreensão de que as bases matérias formam o nível de consciência e, portanto, indicam a posição de classe dos sujeitos traça relações diretas com o acesso ao capital cultural. Os docentes, neste caso, estão em condições de classe diferentes da maioria dos alunos de escolas periféricas, mesmo pertencendo a classe trabalhadora a atividade desenvolvida, e o repertório de vida pré-existente estabelece capitais culturais diferentes; isto é, o capital cultural dominante está mais próximo, nos aspectos valorizados pela sociedade capitalista hegemônica, do capital cultural dos professores do que dos alunos.

No início, o entrevistado explanou rapidamente sobre sua formação e os caminhos que o levaram a esta profissão. Ele comenta que:

“Trabalho há quatro anos como docente, sempre em escolas localizadas na região do ABC, para o ensino médio e a EJA. Tenho graduação em Filosofia, contudo, comecei a estudar filosofia em um lugar que não era aprovado pelo MEC, fiz um ano e pouco lá, sai de lá e terminei o curso no Centro Universitário Assunção, localizado na Vila Mariana, terminei filosofia lá com habilitação em Sociologia e História para o ensino fundamental, terminei uma pós no meio desse ano em Religião e Cultura na mesma Universidade, participei de grupo de estudos de fenomenologia, e filosofia clássica na mesma universidade” (E1).

A problemática da violência aparece já na segunda questão levantada. Neste momento, o professor é questionado se já vivenciou alguma prática violenta na escola. Ele descreve que:

“A violência que eu vou falar, pegando a dos alunos de início, quando eu dei aula no xxxxx, e como era no período da manhã, era normal a repetência e nem todos eram maior de idade, o controle era mais fácil. Eles tinham algumas dificuldades entre eles, mas não eram tão difíceis de controlar. A violência que eu mais via era por parte da gestão para com eles, no caso da coordenadora para com eles. Um jeito impositivo de discipliná-los, porque na minha disciplina não tinha muitos problemas, às vezes eu tinha alguns problemas nos primeiros anos, pois eles vinham no ritmo do fundamental, e eles não lidavam com filosofia, então eles tinham práticas imaturas, contudo, nos segundos e terceiros anos era mais fácil de conquistá-los, ou seja, com relação a minha matéria não havia problema.” (E1)

No primeiro momento, o entrevistado identifica na relação disforme presente na idade e série dos alunos um fenômeno violento, no entanto, naturaliza-o como parte do próprio contexto de escolarização. A ocultação ideológica da produção sistêmica do fracasso escolar, como discute Santos (2016), retrata o dia a dia dos alunos das camadas populares, pois evidencia as cotidianas interrupções da trajetória acadêmica. Contudo, o peso ideológico deste “*determinismo*” sistêmico, é inculcado, sobretudo no indivíduo, este fenômeno estabelece uma relação dialética com o sujeito. Isto é, neste movimento surge a autoculpabilização como consequência deste insucesso na trajetória acadêmica. Este sentimento pode ser considerado uma expressão da violência e sua influência na vida prática dos alunos (as). Neste cenário, concordamos com Ilich (1976), pois, o autor afirma que: “*As escolas servem para graduar e, portanto, para degradar. Levam os degradados a aceitarem sua própria sujeição*”. (p.92-93)

Neste sentido, não observar a violência como sintoma estrutural da sociedade capitalista induz os educadores a um olhar ideológico do fenômeno. Pois, nega a produção capitalista das desigualdades sociais de sua percentual parcela de culpa, e destina ao mérito pessoal a responsabilidade para o sucesso na vida, sem expressar as bases materiais e culturais que impulsionam ou aprisionam cada indivíduo. Segundo Severino (1985):

A força da contradição está presente no processo educacional porque ela é uma realidade em todo processo social não podendo a educação constituir uma exceção. A educação insere-se numa totalidade na qual vigora um processo dialético constitutivo profundo, que faz com que a realidade social seja trabalhada por forças contraditórias” (p.51).

Neste contexto, a ideologia mantém a reprodução de desigualdades no seio do aparelho escolar. Saes (2007) aponta como a ideologia do mérito pessoal vigora nas relações escolares. Este mecanismo ideológico alimenta o prazer pelos estudos mesmo

para aqueles que por serem destituídos de capital cultural tendem ao fracasso escolar e a trajetória escolar curta.

Na segunda parte da resposta o professor identifica outros padrões de violência presentes na vida escolar. A burocracia e o caráter autoritário da gestão da escola, na observação do professor, indica um tipo de violência legitimado pela hierarquia social. A burocracia como mecanismo de controle institucional violenta as relações dentro do espaço escolar. Na medida em que não respeita as individualidades, os desejos e anseios de cada aluno. O Professor relata sua experiência nesta situação:

“Sim, claro que sim, estive presente com os alunos e os professores. Comigo uma vez tinham três alunos na sala em recuperação de fim de ano, eles não queriam ficar na sala aí fui para o pátio com eles para conversar assuntos... Na verdade estávamos falando sobre filosofia e sobre a vida, aí começamos a falar sobre filosofia, foi quando a diretora disse que não podia ficar lá fora e tudo mais, me chamou lá dentro comeu meu rabo e mandou eu subir com os alunos

, exercício da autoridade sem saber se eu estava dando aula ou não, sei lá o que ela achou “. (E1)

Alves e Saes (2004) constroem reflexões a cerca da função ideológica da gestão escolar, e, principalmente, do diretor escolar. Para os autores, ao exercer a função de agente burocrático no aparelho escolar o sujeito tende a se resignar aos padrões ideológicos burgueses. Embora, exista sempre a possibilidade de surgir educadores progressistas nesta função, a força ideológica do aparelho escolar define a forma de ser e de agir deste profissional na escola. Os autores explicitam que:

“Por isso mesmo, o diretor de escola pública não pode ser considerado um simples burocrata. A ele é imposta – quer ele queira ou não –, pelo topo do aparelho de Estado capitalista, a função de agente subalterno da hegemonia burguesa. Ressalve-se, entretanto, que, para desempenhar eficazmente esse papel, o diretor deve absorver outros ingredientes ideológicos, que se compatibilizam em última instância com a reprodução do capitalismo, sobretudo elementos provenientes de ideologias pequeno-burguesas”.(p.3)

Em outro momento, o entrevistado é questionado sobre a presença de violência simbólica na escola. A existência é caracterizada pelo docente como ferramenta de valorização de status quo. A relação estabelecida pelos alunos é direta com os bens de consumo, somente esta associação mercantilizada é levada em consideração na compreensão deste conceito. Ele descreve que:

“Mas aqui no xxxxxx é muito mais notado, justamente, por causa das roupas, os que moram no sítio dos vianas que são de comunidade, eles têm roupas mais humildes, já alguns meninos que até tem condição de ir para escola particular, mas gostam da bagunça aqui, as roupas deles, o celular é sempre pra mostrar que são melhores que os objetos dos outros.” (E1)

Por fim, ao ser questionado sobre a possibilidade de reverter esse quadro o professor entrevistado elabora dois pensamentos distintos sobre a questão. O primeiro formato tem no indivíduo, novamente, a responsabilidade do problema, embora utilize a família como, co-responsável pela violência praticada ou sofrida pelos filhos na escola. Neste caso, o discurso ideológico tende a omitir a responsabilidade do sistema capitalista na culpabilização das famílias, sobretudo, por fomentar a reprodução de violência que atinge cotidianamente as famílias brasileiras e, principalmente, as camadas menos favorecidas.

O outro formato compreendido pelo entrevistado aponta na própria classe docente a responsabilidade pelos problemas enfrentados na profissão. Ele compreende que os docentes são agentes de uma engrenagem, no entanto, minimiza a força do aparelho escolar na produção desta violência, e direciona à falta de esperança do professorado os problemas da escola e da carreira docente.

“Outra coisa que eu vejo também... Eu acho que é irreversível, vou ser categórico, eu acho que é irreversível, por dois motivos: o abandono do aluno na instituição escolar começa daí, e segundo, a força que o sistema faz, ou seja, a força que os docentes fazem com os docentes ingressantes para eles entrarem no ritmo, no sentido do descaso, tipo vem aqui ganha o seu e já era.” (E1).

"E assim, eles vão deprimindo e reprimindo os professores novos de tal forma que vamos ficando seco, aquilo que sonhávamos para prática docente, não é possível por nem metade para fora." (E1)

A presença de ideologias de classe no aparelho escolar representado discurso docente, nas práticas pedagógicas, na hierarquia burocrática e, em todo repertório cultural da escolarização, demonstra a perversidade das implicações que o uso ideológico no processo de escolarização acarreta a vida pessoal e coletiva da sociedade. Haja vista, a violência, um fenômeno relevante na organização da vida social; é permanentemente presente no cotidiano da instituição escolhida para promover educação e conhecimento para o desenvolvimento da nação. Esta contradição é inerente a uma sociedade formada por classes sociais antagônicas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo, ao articular a experiência concreta de um docente da rede pública com o arcabouço teórico da sociologia crítica da educação, revela as múltiplas dimensões da violência que permeiam o cotidiano escolar. Mais do que um fenômeno pontual ou comportamental, a violência na escola se mostra como expressão das contradições estruturais de uma sociedade dividida em classes, onde a educação cumpre a dupla função de promessa de mobilidade e mecanismo de reprodução das desigualdades.

A análise demonstra como o aparelho escolar, longe de ser neutro, opera como "aparelho ideológico de Estado dominante" (ALTHUSSER, 1998), reproduzindo valores e hierarquias que beneficiam as classes dominantes. A violência simbólica (BOURDIEU; PASSERON, 1975) se manifesta de forma particularmente perversa no discurso meritocrático que, ao individualizar o fracasso escolar, oculta suas determinações sociais. Como observado na fala do professor sobre a "repetência normal" (E1), essa naturalização das desigualdades é sintomática do que Patto (1990) identificou como "produção do fracasso escolar".

Entretanto, a pesquisa vai além dessa constatação, revelando as contradições vividas pelos próprios agentes educacionais. O docente entrevistado, embora crítico em muitos aspectos, revela em seu discurso os limites impostos pela estrutura escolar. Sua descrição da ação coercitiva da

gestão ("comeu meu rabo e mandou eu subir com os alunos", E1) ilustra com clareza o que Alves e Saes (2004) chamaram de "função disciplinar" da escola, enquanto sua percepção de irreversibilidade ("acho que é irreversível", E1) reflete o peso das estruturas materiais sobre a consciência docente.

Nesse sentido, três eixos fundamentais emergem da análise:

- 1- A dialética da violência escolar: que se manifesta tanto nas relações interpessoais quanto nas estruturas institucionais, conformando o que Souza (2008) denominou "violência disciplinar e cultural". Essa violência não é acidental, mas estrutural, decorrente da função social da escola na sociedade capitalista.
- 2- O paradoxo da consciência docente: profissionais que, mesmo oriundos das classes trabalhadoras (como o entrevistado), muitas vezes internalizam e reproduzem os valores dominantes, demonstrando o poder dos "mecanismos ideológicos de inculcação" (SAES, 2005).
- 3- A naturalização das desigualdades: processo pelo qual diferenças de capital cultural são transformadas em hierarquias educacionais, confirmando a análise de Bourdieu (1999) sobre como "o nível cultural global do grupo familiar mantém a relação mais estreita com o êxito escolar" (p.42).

Contudo, a pesquisa também identifica fissuras nesse aparente determinismo. A própria angústia expressa pelo docente ao descrever o "abandono do aluno na instituição escolar" (E1) sugere a possibilidade de uma consciência crítica em gestação. Como destacou Marx (2005), é precisamente nas contradições do sistema que residem as possibilidades de transformação.

Essa constatação aponta para a necessidade de superar tanto o pessimismo fatalista quanto o voluntarismo ingênuo. Se, por um lado, a análise confirma a função reprodutora da escola, por outro, revela que essa reprodução nunca é completa ou sem contradições. Como observou Severino (1985), "a força da contradição está presente no processo educacional [...] que faz com que a realidade social seja trabalhada por forças contraditórias" (p.51).

Nessa perspectiva, futuras investigações poderiam explorar:

- a) Experiências contra-hegemônicas: que demonstrem como professores e escolas têm resistido à lógica reprodutora, criando espaços de autonomia e crítica;
- b) A construção da consciência docente: investigando como professores desenvolvem visões críticas sobre seu papel e sobre a função social da escola
- c) Alternativas pedagógicas radicais: que articulem a prática escolar com os movimentos sociais mais amplos de transformação da sociedade.

Em última instância, este estudo reforça que a violência escolar não pode ser compreendida - nem superada - sem considerar suas raízes sociais mais profundas. Como concluiu Santos (2016), "a escola, ao reproduzir a ideologia dominante, desempenha uma função social relevante na manutenção do sistema capitalista" (p.13). Romper com essa lógica exige mais que reformas educacionais: demanda a construção de um projeto político- pedagógico que coloque a escola a serviço das classes trabalhadoras.

A contribuição desta pesquisa reside justamente em desvelar essas conexões entre violência cotidiana, estrutura escolar e sociedade de classes, oferecendo elementos para uma crítica radical que possa fundamentar tanto a pesquisa acadêmica quanto a prática educacional transformadora. Nas palavras de Cunha (1980), apenas reconhecendo a escola como campo de luta poderemos transformá-la em instrumento efetivo de emancipação humana.



REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, Louis. Aparelhos ideológicos de Estado: notas sobre os aparelhos ideológicos de Estado (AIE). Rio de Janeiro: Graal, 1975.
- ALTHUSSER, Louis. Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado. Lisboa: Presença, 1998.
- ALVES, Leila; SAES, Décio. Os intelectuais e a função disciplinar da escola. Revista da Faculdade de Educação, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 1-13, 2004.
- ALVES, Leila; SAES, Décio. Violência escolar: o que a distingue da violência na escola? Revista de Sociologia e Política, Curitiba, n. 27, p. 209-218, 2006.
- BAUDELOT, Christian; ESTABLET, Roger. A escola capitalista na França. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1987.
- BOURDIEU, Pierre. A Reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.
- BOURDIEU, Pierre. Escritos de educação e cultura. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.
- BOURDIEU, Pierre. Poder simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998. (Referência sugerida a partir da nota de rodapé no artigo).
- BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. A Reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975. (Citado no texto como Bourdieu & Passeron 1975).
- CUNHA, Luiz Antônio. Educação e ideologia. São Paulo: Cortez, 1980.
- ILICH, Ivan. Sociedade sem escolas. Petrópolis: Vozes, 1976.
- KOHATSU, Leny; DIAS, A. M. T. Violência no espaço escolar: algumas reflexões para a Sociologia da Educação. Cadernos de Pesquisa, São Luís, v. 16, n. 1, p. 21-36, 2009.
- MARX, Karl. A ideologia alemã. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. A ideologia alemã. São Paulo: Martins Fontes, 2005. (Citado no texto como Marx e Engels 2005).
- PATTO, Maria Helena Souza. A produção do fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia. São Paulo: T. A. Queiroz, 1990.
- PEREIRA, Luiz. A escola e o sistema de classes. São Paulo: Ática, 1977.
- SAES, Décio. As ideologias pequeno-burguesas na sociedade de classes. In: BOURDIEU, P. et al. Para que serve a sociologia da educação. São Paulo: Cortez, 2007.
- SAES, Décio. A formação do sociólogo. [S.I.: S.E.], 1995. (Faltam local e editora - Por favor, complete).
- SAES, Décio. Teorias e hipóteses sobre o fracasso escolar. São Paulo: Cortez, 2005.
- SANTOS, Glauco Fernando Silva. As causas ideológicas do fracasso escolar: o papel da escola na reprodução das desigualdades sociais. 2016. Dissertação de Mestrado. UESP.



SOUZA, Maria das Graças B. de. Violência na escola: a face oculta do currículo. Revista de Ciências Humanas, Florianópolis, v. 42, n. 1, p. 119-128, 2008.

